

Incertezas elevam Risco Brasil

Carlos Chicarino/AE

Risco macroeconômico nos próximos seis meses atinge 79 pontos e denuncia quadro crítico

JÔ GALAZI

RIO — O risco macroeconômico nos próximos seis meses no País atinge 79 pontos, um aumento de aproximadamente 4 pontos desde o terceiro trimestre. Com isso, está em pleno quadro crítico, que fica entre 70 e 90 pontos, e na iminência de uma ruptura, se o governo não tomar logo uma providência para controlar e reduzir a inflação.

Essa ruptura se caracterizaria por uma hiperinflação, que ocorreria possivelmente no final do primeiro trimestre de 1994. A avaliação é do cientista político Sérgio Abranches, que criou uma metodologia para a apuração dos níveis de risco do País em várias áreas, sintetizados no que chama de Risco Brasil, que neste momento situa-se em 67 pontos, prestes a entrar em quadro crítico.

O Risco Brasil está alto, esclarece Abranches, dada a carga de incertezas no País. Isso, ressalva, não é necessariamente negativo, pois as incertezas podem se resolver em uma direção positiva, como a redução da corrupção, por exemplo. No caso do risco macroeconômico, Abranches, filiado ao PSDB, mesmo partido dos integrantes da equipe econômica do governo, diz que se a campanha eleitoral começar sem que alguma coisa tenha sido feita para combater a elevação dos preços, a hiperinflação será inevitável. Ela se mostrará bem pior que a do governo Sarney, que o então ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega conseguiu driblar até após as eleições presidenciais.

Barriga — “Desta vez não dá para empurrar com a barriga”, diz Abranches. Conforme explica, o risco macroeconômico alimenta-se neste momento pelo agravamento da inflação, que nos próximos três meses pode pular para 40%, causando uma “elevação insuportável do descontentamento social e da tensão política”, e também pela reversão da tendência de crescimento econômico.

A situação vai se complicar nos próximos meses, avisa o cientista político, pois de um lado o ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, ainda parece estar se decidindo a lançar um plano em novem-

bro; de outro, o presidente da República, Itamar Franco, “mostra crescente impaciência com a falta de ação no front macroeconômico, enquanto sua popularidade se esvai”. No seu boletim Risco Brasil, Abranches cita como evidência da impopularidade de Itamar uma pesquisa de opinião do *InformEstado*, em que ele foi considerado o pior presidente brasileiro neste século.

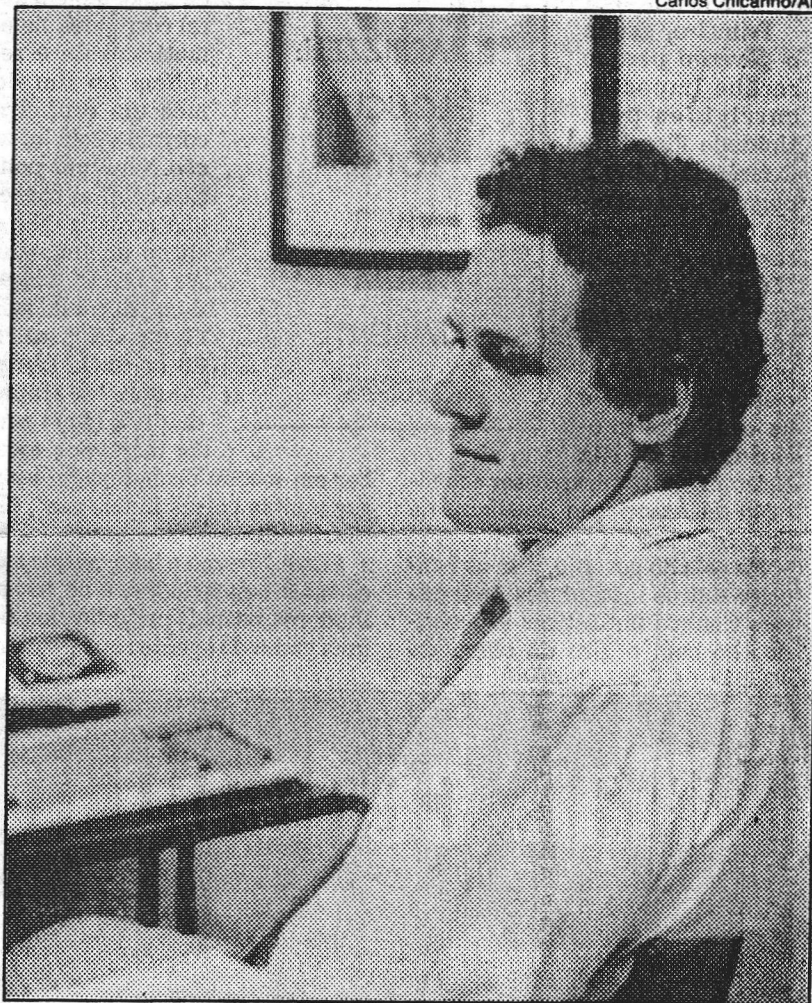
Segundo Abranches, o panorama macroeconômico aponta para duas direções contrárias: tanto Cardoso pode lançar um bom pacote antiinflacionário, com impacto positivo até sobre as eleições de 1994, como pode ocorrer de nada ser feito, levando a nova mudança no nível da inflação. A crise decorrente poderia levar Cardoso a deixar o governo.

Abranches está convicto de que uma mudança de equipe econômica é altamente arriscada, pois Itamar pode optar por uma política econômica populista, aumentando a possibilidade de uma hiperinflação. Além disso, uma nova crise no centro do governo, combinada com a investigação de corrupção de parlamentares poderia provocar uma crise político-institucional e, no limite, uma ruptura institucional.

Ainda conforme Abranches, a esperança de que um plano de estabilização é iminente cedeu lugar a dúvidas sobre o grau de consenso na equipe econômica e sobre sua disposição de enfrentar os riscos políticos, associados a um ataque mais ousado contra os hábitos inflacionários dos brasileiros.

**AS TAXAS
ELEVADAS DE
INFLAÇÃO
PODEM
REVERTER
TENDÊNCIA DE
CRESCIMENTO**

senso na equipe econômica e sobre sua disposição de enfrentar os riscos políticos, associados a um ataque mais ousado contra os hábitos inflacionários dos brasileiros.



Sergio Abranches: panorama aponta para direções contrárias